

ENVELOPE CULTURAL UM PASSEIO DIRIGIDO PELO PAÍS POR MEIO DAS CARTAS E DAS FOTOS DE MÁRIO DE ANDRADE

Amarildo CARNICEL

Professor no Curso de Jornalismo da
PUC-Campinas e no Laboratório de
Estudos Avançados em Jornalismo
(Labjor-Unicamp)

RESUMO

Nenhum trabalho de catalogação de cartas feito por pesquisadores brasileiros registrou volume tão significativo de documentos dessa natureza como o reunido pelo escritor Mário de Andrade. São mais de 7.000 correspondências passivas que estão sendo organizadas pelo IEB-USP. Essa correspondência ativa fez de Mário o maior missivista brasileiro de sua época. No momento em que diferentes instituições brasileiras se preparam para 2002, quando acontecem as comemorações dos 80 anos da Semana de Arte Moderna, evento que teve em Mário um de seus principais idealizadores, torna-se oportuno discutir mais uma particularidade do escritor. Por este trabalho é possível enxergar em sua correspondência ativa, por meio de textos e de fotos, um incontido desejo de viajar pelo país em busca das raízes e da cultura do povo brasileiro.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Epistolografia. Fotografia

ABSTRACT

No letter cataloguing done by Brazilian researchers has registered such meaningful number of documents of this kind as the one collected by the writer Mario de Andrade. There are more than 7.000 passive correspondence organized by IEB-USP. Mario de Andrade's active correspondence made of him the greatest Brazilian letter writer of this time. At the moment when different Brazilian institutions prepare themselves for 2002, when the 80th anniversary celebration of "Semana de Arte Moderna" is taking place, where Mario was one of the main organizers, it is suitable to discuss another peculiarity of the writer. Through this work it is possible to see in his active correspondence, through the texts and photos, an uncontrolled desire to travel through the country seeking for the roots and the culture of the Brazilian people.

Key words: *Mário de Andrade. Epistolagraphy. Photography.*

Recriando um cenário

Nas décadas de 20, 30 e 40 era raro o dia em que o carteiro, destacado pelo correio a atuar no bairro paulistano da Barra Funda, em São Paulo, não deixasse uma encomenda ou um simples envelope no endereço localizado no número 108 da Rua Lopes Chaves. O destinatário: Mário de Andrade. Nesse endereço foi entregue a maioria de um lote de 7.000 correspondências que vêm sendo catalogadas pelos pesquisadores do IEB-USP. Em resposta a essas missivas, Mário de Andrade remeteu volume de correspondência igualmente significativo que deu origem a mais de 20 livros publicados por diferentes editoras. Esse freqüente intercâmbio, que só terminou em 1945 com a morte do escritor modernista, motivou, um ano mais tarde, o então jovem crítico literário Antonio Candido a apontar na *Revista do Arquivo Municipal* que a correspondência encheria volumes e seria porventura o maior monumento do gênero, em língua portuguesa. Vaticinou, também, que a documentação teria devotos fervorosos e apenas ela permitiria uma vista completa de sua obra e do seu espírito. Passados 54 anos, Candido comenta em entrevista à *Folha de S. Paulo* em março de 2001: "Minha opinião era perfeitamente fundamentada. Modéstia à parte, eu acho que tinha razão" (Machado, 2001:E4).

Envelope cultural - um passeio dirigido pelo país por meio das...

Numa leitura mais atenta e dirigida dessa correspondência ativa, pode-se perceber as alegrias, excitações, angústias e frustrações de um Mário que tem grande interesse pelos aspectos culturais do povo brasileiro. Por meio dessas cartas, revela desejo ardoroso de conhecer o Brasil, de ir ao encontro das manifestações folclóricas que tanto estimularam sua produção intelectual. Fazendo um recorte mais específico nessa correspondência, é possível detectar por meio da leitura dos textos e do material contido nos envelopes o valor atribuído por Mário às fotografias. Esses envelopes chegavam e partiam levando textos, bilhetes, recortes, documentos, cartões postais e fotografias. Mais que isso: cartas que transportavam idéias do maior epistológrafo brasileiro.

Dessa forma, com base nessas informações iniciais, tentamos nos transportar para o cenário vivido pelo escritor na São Paulo dos anos 20, 30 e 40 e compreender aspectos da vida e da obra do missivista e fotógrafo Mário de Andrade:

Acervo: IEB-USP



Mário de Andrade, o turista aprendiz, em 1927, durante viagem ao Norte do Brasil: o "fotógrafo" deixando-se fotografar. Em primeiro plano, sobre a mesa, a "codaquinha" tipo caixão

Recusando convites

Pessoas que passam por volta das duas da manhã em frente ao número 108 da Rua Lopes Chaves, em São Paulo, com certeza ficam curiosas ao ver a claridade de uma lâmpada projetando-se janela afora. Também de lá vêm uns acordes de Bach. É, com certeza, Mário de Andrade numa de suas incontáveis noites de insônia, ora dedilhando um instrumento musical, ora lendo Machado de Assis, sempre envolto em muita fumaça de cigarro. À espera do sono, o escritor garatuja uma carta a Manuel Bandeira ou viaja pelo Brasil e pelo mundo afora pelas fotografias.

Não foram poucas as oportunidades oferecidas a Mário para cruzar as fronteiras brasileiras. Porém, ele sempre encontra uma razão para recusar o convite. Mascaramento uma provável insegurança e um temor pelo desconhecido, contenta-se em se transportar para outros povos e outras culturas por meio de fotografias.

Escreve Moacir Werneck de Castro:

Essa recusa sistemática é um mistério disfarçado sob alegações diversas, às vezes contraditórias... Mário ficou reduzido a admirar e estudar precárias reproduções de álbuns, ao contrário de tantos amigos que, mesmo sem dinheiro, tinham cruzado o oceano. Era de fato uma grave limitação de sua personalidade não ter visto Paris e Florença, que tanto amava, nem Portugal, esse outro amor grande, nem a Catalunha, que figurava entre as suas predileções (1989:140).

A satisfação de conhecer um lugar por meio de retrato pode ser vista em carta de junho de 1925, quando comenta com Camara Cascudo:

Você nem imagina o gosto que me deu o campeiro vestido de couro que você me mandou. Andei mostrando pra toda gente e mais a fotografia do maravilhoso cacto. As três fotografias já estão bem guardadinhas na minha coleção. Se lembre sempre de mim quando vir fotografias da nossa terra aí dos seus lados (Andrade, 1991:35).

Mário divide essa incontida emoção primeiramente com as pessoas que estavam a seu redor. Sai percorrendo os corredores da confortável casa e logo mostra a fotografia para a primeira pessoa que encontra: ora sua mãe, dona Mariquinha, ora a tia Nhanhã, ora a irmã Lourdes ou a cozinheira Sebastiana, “querida como pessoa da casa”, conforme recorda a aluna e amiga Oneyda Alvarenga, freqüentadora assídua da residência (Andrade, 1983:85).

Assim, em vez de arrumar as malas e partir em busca de um Brasil que a todo instante exala cultura popular, Mário vai se satisfazendo com uma geografia

Envelope cultural - um passeio dirigido pelo país por meio das...

de livros, meticulosamente dispostos nas estantes, e de fotografias, que começam a chegar às suas mãos principalmente por meio de cartas.

Escreve Mário a Camara Cascudo, em carta de novembro de 1925:

Recebi sua carta de 10 de outubro, recebi fotografias de coisas de Igaracu... Si por acaso você tiver um encontro ou pessoal ou por carta com o homem das fotografias, fale para ele que ainda não respondi por causa de doença. Na semana que vem talvez eu me sente à máquina e mande para ele minha gratidão e o entusiasmo baita que tive por Igaracu (1991:48).

Pedaços corriqueiros do Brasil

Mário já havia demonstrado esse desejo a Cascudo em carta de 26 de setembro de 1924. Nela, afirma ter “enorme fome” pelo Norte. Pede fotografias de um rio, de uma árvore e até mesmo de uma tapera. Pergunta se há obras de arte colonial e imagens de madeira. Para ele, essas fotografias “são pedaços corriqueiros do Brasil e que interessam mais que a vida”. (Andrade, 1991:34)

Em 26 de junho do ano seguinte, ele ratifica ao folclorista sua volúpia pelo Nordeste ao confessar:

Meu Deus! Tem momentos em que eu tenho fome, mas positivamente fome física, fome estomacal de Brasil agora. Até que enfim sinto que é dele que me alimento! Ah! si eu pudesse nem careceria você me convidar, já faz sentido que tinha ido por essas bandas do norte visitar vocês e o norte (Andrade, 1991:35).

Entretanto, o projeto de saciar a “fome estomacal” de Brasil parece ainda um pouco distante. Afinal, como modesto professor de conservatório, dispõe de poucos recursos para a concretização de seu grande sonho. Em nova carta a Cascudo, em 3 de fevereiro de 1926, agradece o convite para visitar o Nordeste, especificamente Natal, e solicita ao folclorista a elaboração de um projeto para a realização de palestras em algumas capitais. Sugere a Cascudo a organização de conferências que poderiam equilibrar um pouco as finanças. Caso contrário, dificilmente teria recursos para a viagem.

Vislumbrando essa possibilidade de viagem, revela sua expectativa a Manuel Bandeira em carta de 19 de março de 1926:

Pois é, estou de viagem marcada pro norte. Vou na Bahia, Recife e Rio Grande do Norte onde vive um amigo de coração que no entanto

nunca vi pessoalmente, o Luís da Camara Cascudo... Ele me arranja duas conferências no norte, uma em Recife e outra em Natal. Com dois contecos que levarei daqui a viagem se paga e eu fico conhecendo o Nordeste. Só que você deve perder a esperança de algum novo poema gênero "Noturno" ou "Carnaval". O tempo dessas coisas já passou e eu estou de novo reconciliado com a inteligência (s/d:99).

Na verdade, a intenção de Mário é unir suas pesquisas de gabinete com o trabalho de campo. Um dos propósitos da viagem fica claro no diário de 22 de dezembro de 1928, publicado em *O turista aprendiz*:

Já afirmei que não sou folclorista. O folclore hoje é uma ciência, dizem... Me interesse pela ciência porém não tenho capacidade pra ser cientista. Minha intenção é fornecer documentação pra músico e não passar vinte anos escrevendo três volumes sobre a expressão fisionômica do lagarto... (1976:232).

Para o folclorista Deífilo Gurgel, o Rio Grande do Norte, "graças a Mário de Andrade", foi o estado brasileiro que maior manancial de documentos folclóricos reuniu no período situado entre o final dos anos 20 e o início da década de 30 (Andrade, 1991:20).

De malas prontas

Alguns acidentes de percurso, porém, impedem que Mário parta ao encontro de Camara Cascudo e das tradições nordestinas nesse ano de 1926. Absorvido pelo trabalho, o escritor faz uso de suas férias para adiantar o livro *Compêndio de história da música*, publicado somente em 1929. O mergulho nesse projeto se converte em questão de honra, uma vez que no ano em que se prepara para a viagem ao Nordeste, seu mais recente livro de poesia, *Losango cáqui* (1926), torna-se alvo de severas restrições da crítica.

Em carta a Camara Cascudo, Mário justifica:

Não posso decididamente ir ao Norte este ano... Tomei por obrigação botar na rua este ano a minha História da Música... Enfim é por causa do escândalo do Losango cáqui, não só absolutamente incompreendido, mas que deu razão a uma tempestade de insultos mais perversa e tão forte como a que veio com Paulicea (Andrade, 1991:54).

Mário empenha-se realmente no novo trabalho e adia para o ano seguinte a anunciada viagem. Em 1927, um fato novo e instigante faz com que a aventura

Envelope cultural - um passeio dirigido pelo país por meio das...

nordestina seja novamente protelada: surge a oportunidade de cumprimento de uma promessa ainda mais antiga, uma incursão ao Amazonas, região que “despertava em Mário antiga atração”. (Lopez, 1976:17) Em carta de 5 de abril de 1927 a Camara Cascudo, Mário fala de sua nova expectativa:

Desconfio que parto no mês que vem pra esses nortes de vocês. Imagine que parte daqui uma comitivilha dumas oito pessoas, pretendendo subir o Amazonas e subir o Madeira até a Bolívia... É sublime como viagem. É verdade que tenho pouco tempo pra conversar com você... e não poderei desta feita assuntar bem cocos e bumbas-meu-boi... Meus estudos se prejudicarão... (1991:77).

Não contendo a ansiedade, escreve no dia seguinte a Manuel Bandeira detalhando o projeto da viagem:

Puxa! creio que nem contei pra você por onde vai ser a nossa viagem... Vamos pelo Loide Brasileiro parando de porto em porto até Manaus... Como você vê as perspectivas são as melhores do mundo. Peço quatro meses de férias. Parece que a viagem dura três. Si durar e achar jeito, na volta me desligo da comitiva pra parar um pouco mais com o Cascudinho, em Natal e no Recife e na Baía. Isto porém inda está muito problemático. Aliás a viagem toda pra mim (s/d:118).

A 13 de maio de 1927, Mário dá início ao grande sonho. Com duração de três meses, a viagem só terminará quando o Loide Brasileiro atracar no porto de Santos, em 15 de agosto. Seguem com Mário dona Olívia Guedes Penteadado, sua sobrinha, Margarida Guedes Nogueira (Mag) e a filha de Tarsila do Amaral, Dulce do Amaral Pinto (Dolur).

Mário inicia, então, a primeira etapa do projeto que ele mesmo batiza de “O turista aprendiz”, ou “Viagem pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega”. A bordo do “D. Pedro I”, ele sobe o Atlântico, passa por Salvador (que ele chama de “Baía”), Recife, Belém, Santarém, Manaus, Porto Velho, Iquitos (Peru), Marajó, Fortaleza, Natal, Maceió, Vitória e outras cidades de menor expressão. Nessa incursão, cruza os rios Amazonas, Negro, Solimões, Madeira e outros afluentes.

Retrato etnográfico

Ao longo da viagem, Mário dá impulso a sua breve, porém significativa, “carreira” de fotógrafo aprendiz. Fazendo uso de sua modesta Kodak, produz 540 fotografias que mostram o cotidiano das pessoas que vivem às margens dos rios e

igarapés amazônicos, de pequenos vilarejos e de cidades mais populosas como Belém, onde não despreza o Mercado de Ver-o-Peso e o Museu Goeldi. Documenta a fauna e a flora, as palafitas, os diferentes tipos de embarcação aquática, as igrejas e os prédios cuja forma arquitetônica lhe chame a atenção. Fotografava, sobretudo, o nortista, proporcionando um “retrato etnográfico” bastante peculiar e vivo, que sua obra refletirá mais tarde.

Além da farta documentação visual, elabora um diário de bordo no qual vai anotando suas impressões que depois serão recolhidas em *O turista aprendiz* (1976). Escreve também crônicas que vão sendo veiculadas pelo recém-fundado *Diário Nacional*, periódico em que atua como crítico.

É somente no ano seguinte que Mário parte para a segunda viagem etnográfica. A bordo do “Manaus”, ele sobe o Atlântico até Recife, de onde segue de trem até Natal. A exemplo da viagem ao Norte, o País, sua gente, costumes e tradições, danças dramáticas e cantigas folclóricas continuam sendo o objeto de seu interesse principal. Dessa vez parte em busca de um contato ainda mais direto com os usos e as tradições do povo – no caso de Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia. Toda essa peregrinação é narrada em crônicas publicadas no *Diário Nacional*.

Nessa segunda incursão, Mário mais uma vez se vale de seu inseparável instrumento de registro de imagens. Produz cerca de 260 fotografias – o último grande lote colhido numa única empreitada. O olhar fotográfico do escritor valoriza patrimônios históricos como igrejas, conventos, edifícios do governo e cenas do movimento urbano das capitais nordestinas. Mostra, também, o cotidiano do sertanejo: trabalhadores no engenho, colheita de coco, gado no pasto e movimento nas estações de trem. Tudo é assunto que vai sendo “eternizado” por sua “codaquinha” (câmara 35 mm tipo caixa).

O valor atribuído por Mário às imagens técnicas é expressado fortemente pelas fotografias. Trata-se de um meio de expressão em que ele revela seu elástico interesse: do colecionador ao crítico e do turista, que se vale de sua “codaquinha” ao intelectual que se vale de material pictórico até para a produção de livros, como é o caso de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*.

Iniciada em 1923 num passeio à Fazenda Santa Isabel, em Araraquara, a “carreira fotográfica” empreendida por Mário parece se encerrar 13 anos mais tarde, numa Cavallhada, em Mogi das Cruzes, outro município do interior de São Paulo. Ao longo desse período, o escritor produz e coleciona cerca de 2.500 registros fotográficos que se encontram mantidos no IEB-USP. Trata-se de uma produção fotográfica bastante diversificada, contendo registros que documentam momentos familiares, imagens de parentes e de amigos, documentações folclóricas, cartões

Envelope cultural - um passeio dirigido pelo país por meio das...

postais e fotos relacionadas a temas culturais produzidas em viagens pelo interior de São Paulo e nas duas grandes incursões etnográficas.

Os primeiros registros fotográficos remontam a 1923. Como um principiante que não foge à regra, Mário faz sua iniciação na fotografia documentando momentos para álbuns de família. Não é possível afirmar com precisão qual a primeira foto produzida por ele. Sabe-se, entretanto, que está inserida em um conjunto de 10 fotografias feitas na Fazenda Santa Isabel, conforme testemunho de parentes e amigos do escritor. A primeira foto do conjunto apresenta a seguinte legenda, com manuscrito de Mário: "Fazenda Santa Isabel/24 junho 923". O último lote de fotografias refere-se ao material colhido em 1936 em Mogi das Cruzes, quando reúne 18 retratos sobre Congada e Cavalhada. Na primeira seqüência, realizada em 30 de maio de 1936, preocupa-se em documentar aspectos relacionados à Congada: focaliza a dança, a indumentária, o estandarte e o capitão da dança. No dia seguinte, focaliza a Cavalhada em diferentes posições, desde o registro em plano geral (com os cavaleiros ao longe, os sobrados fazendo o pano de fundo e as sombras de espectadores em primeiro plano) como o congelamento de imagens de alguns cavaleiros em momento de descanso. Em todas as fotos, Mário limita-se a anotar: "Cavalhada/Moji das Cruzes - 31-5-36".

Do período que vai de 1923 a 1936, Mário interrompe por quase meia década suas atividades fotográficas. O hiato vai de 1932 - quando faz apenas alguns registros durante viagem realizada de São Paulo ao Rio de Janeiro - a 1936, exatamente quando produz seu último lote de imagens. Não são claras as razões que levam o escritor a abandonar temporariamente a câmara. A princípio, na tentativa de justificar suas razões, podemos citar dois importantes momentos da vida do escritor. O primeiro é a "crise depressiva dos 40 anos", (Andrade, 1988:22) vivida em 1933, quando, com a sensibilidade à flor da pele em decorrência de uma forte nefrite, confia a Manuel Bandeira: "Estou meio assustado, confesso, e não tenho a mínima intenção de morrer, ou pra falar mais suavemente, me inutilizar tão cedo" (Andrade, s/d:46).

O segundo motivo é o intenso trabalho desenvolvido por quase quatro anos (1935-1938) à frente da Diretoria do Departamento de Cultura (DC) do Município de São Paulo, conforme relata em carta de 17 de julho de 1935 a Luís da Camara Cascudo: "... me convidaram pra Diretor de todo o Departamento a se criar... não só me vi na Chefia da minha Divisão, mas com o serviço apenasmente quadruplicado" (1991:35).

Foi nesse período, com a responsabilidade da chefia do DC, que Mário produziu o lote de fotos em Mogi das Cruzes. Outra atividade de peso: em 1936, colabora na criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

(SPHAN), onde permanece trabalhando até sua morte, em fevereiro de 1945. Dedicando-se com afinco às atividades de administrador cultural, o escritor interrompe definitivamente sua “carreira” de fotógrafo.

Dois anos após ter feito seus primeiros registros fotográficos na Fazenda Santa Isabel, mantém firme seu propósito de engordar o “álbum de família”. Entretanto, em ritmo bastante lento: são apenas cinco fotos em que retrata ou é retratado ao lado de familiares. Duas dessas fotografias, embora diferentes, apresentam legendas idênticas: “Agosto de 1925/rua V. de Rio Branco”. Fica evidente que a fonte de inspiração fotográfica para Mário, além do registro de amigos e familiares, concentra-se basicamente no cotidiano simples da zona rural paulista. Significativa parcela do acervo reunido no Arquivo Mário de Andrade diz respeito a suas viagens à Fazenda Santa Tereza do Alto, em Jundiá, de propriedade da pintora Tarsila do Amaral, na Fazenda São Francisco e na Chácara Sapucaia, em Araraquara, de propriedade de seus primos Pio Lourenço, o “Tio Pio”, e Zulmira Correa. Foi nessa “chacra”, como preferia o autor, que a rapsódia *Macunaíma* foi escrita.

Na Fazenda Santa Tereza do Alto, Mário produz um lote de 43 fotos, tirado entre 1927 e 1928, após a viagem ao Norte e antes da viagem ao Nordeste - que retrata, principalmente, amigos e parentes durante passeios no campo. O material visual referente a sua passagem pela Fazenda São Francisco e pela “chacra” compõe um conjunto de 18 fotografias produzido nos anos de 1928, 1930 e 1931. A exemplo do material colhido na Fazenda Santa Tereza do Alto, amigos, parentes, vegetação e fachadas de casas são os motivos focalizados pelo escritor.

Também não escapam de sua objetiva aspectos do cotidiano do campo. Na fazenda do Tio Pio, por exemplo, ele documenta o trabalhador agrícola em suas diferentes atividades: no esvaziamento de um poço, no pesqueiro, amansando um burro ou no terreiro durante o processo de secagem do café. Na “chacra”, faz vários retratos focalizando o gado no pasto, o gado no curral, fachada de casa e o cercado onde são postos alimentos para os pombos.

Podemos também incluir na coleção “álbum de família” dois outros registros: fotos da fachada de sua casa (“Casa minha/13-X-27”) e a de seu irmão - ambas em São Paulo - Carlos de Moraes Andrade (“Casa do Mano/13-X-27”). Ainda no que se refere ao aspecto urbano da cidade de São Paulo, Mário faz uma série de dez fotos. Entre outros elementos enfocados, ele documenta

Envelope cultural - um passeio dirigido pelo país por meio das...

o primeiro edifício (arranha-céu) em construção na capital paulista. Sobre esse último anota: “Casa Martinelli - maio de 1928”.

Antes de se tornar o fotógrafo que vislumbra nas futuras grandes viagens um rico manancial de imagens pouco comuns aos olhos de habitantes de centros mais desenvolvidos, Mário faz ensaios em pequenas incursões realizadas por alguns municípios de São Paulo. Tipos físicos, modo de vida do homem do campo, arquitetura de casas e manifestações folclóricas são algumas das predileções do escritor.

A primeira foto de que se tem notícia fora do convívio familiar data de 1926, durante uma viagem pelo interior do estado. Ele anota: “Excursão de automóvel/Além de Sorocaba/1926”. A partir desse registro, pode-se afirmar que Mário inicia a escalada de fotos de viagens que só terminará dez anos mais tarde, em Mogi das Cruzes. O segundo lote produzido pelo fotógrafo-viajante se dá em junho de 1928, durante viagem a Piracicaba. São doze fotos que mostram, sob diferentes ângulos, o salto do Rio Piracicaba. Fotografa também a Escola Agrícola Luiz de Queiroz e o túmulo do pintor Almeida Júnior.

Há ainda um terceiro conjunto de imagens em que o escritor deixa claro seu interesse por pessoas simples, seus usos e costumes. Trata-se de material produzido a bordo de um pequeno barco sobre o Rio Mogi Guaçu, quando registra aspectos da vida ribeirinha. Em cima da embarcação, ele focaliza sempre a proa do barco em primeiro plano. Nas legendas, procura, curiosamente, assinalar a existência ou ausência de vento: “Moji Guassú/VII-930” ou Moji Guassu (com vento)/VII-930”. Na mesma viagem ele fotografa crianças às margens do rio e diz: “Filhos de caipira/(Beira do Moji) VII-930”. Também deixa-se fotografar segurando um peixe e anota: “Dourado do/Moji/ Julho 1930”.

Para Mário, a câmara fotográfica não se constitui somente em um mero instrumento de captar imagens. Assim, respeitando os poucos recursos de sua “coçaquinha”, começa o ano de 1928 com muita vontade de realizar alguns experimentos. Entre um e outro retrato produzido na Fazenda Santa Tereza do Alto, onde se reúne com amigos para celebrar a passagem de ano, faz a experiência ao fotografar a própria sombra. No verso da reprodução ele anota: “Sombra minha/Sta. Tereza do Alto/1 -I-28”.

Acervo: IEB-USP



Mário de Andrade durante registro fotográfico realizado em 1928 na Fazenda Santa Tereza do Alto, em Jundiá (SP): experimentando a própria imagem na foto intitulada “sombra minha”

Em outra oportunidade, na mesma fazenda, faz sobreposição de duas imagens de Dulce do Amaral Pinto, filha da pintora Tarsila do Amaral, com os braços ora abertos na altura dos ombros, ora esticados acima da cabeça. A sobreposição dessas imagens proporciona uma noção de movimento. Embora evidente a tentativa de experiência, ele não menciona o fato (esta é uma das raras fotos em que não há legenda).

Mário também se preocupa, às vezes, em fazer alguns experimentos laboratoriais, através de diversas reproduções de uma mesma imagem em que testa, principalmente, a tonalidade e o contraste dos positivos. É o que se percebe, por exemplo, em três fotos da Igreja de Itaquerê - no arquivo pessoal do escritor não há identificação do local - em que a fachada do edifício contrasta, ora em maior, ora em menor intensidade com o fundo do quadro, tomado principalmente pelo céu. Nas três legendas ele não faz menção aos experimentos, limitando-se a anotar: “Igreja de Itaquerê/VII-930”.

Envelope cultural - um passeio dirigido pelo país por meio das...

Trocando fotografias

Embora abandone definitivamente a câmara fotográfica em 1936, Mário não se afasta por completo das imagens pictóricas. Mantém a admiração e conserva o hábito de colecionar fotografias. Ele guarda em seu acervo diferentes lotes de fotos que revelam temas ligados a seu campo de interesse. São registros datados de 1937 que mostram o samba dançado na rua, bailadões de crianças em parques infantis, além de uma série de fotografias e cartões postais sobre arte sacra e arqueologia mexicana, cujos autores são desconhecidos..

Em sua coleção há uma particularidade. Ao longo de sua profusa epistolografia, mantém o hábito de trocar fotografias, conforme escreve a Prudente de Moraes Neto em junho de 1925:

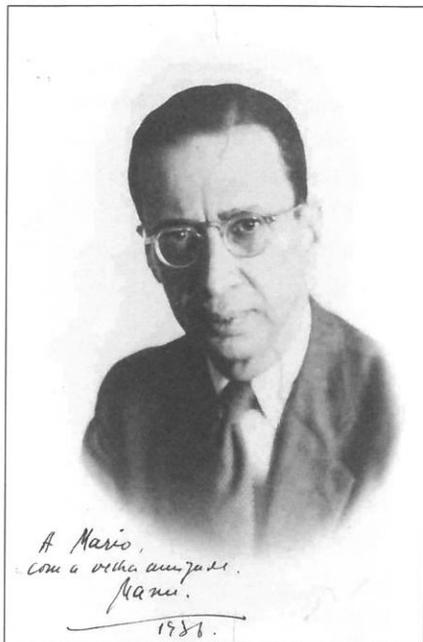
Agora estou muito vadiando pra copiar besteiras inúteis. Retrato também. Não dou, troco. Quando chegar a S. Paulo, me lembrando, mando. Você terá que me mandar o seu também pra minha coleção (1985:83).

O acervo consta ainda de inúmeros retratos, com dedicatórias, recebidos de amigos como Manuel Bandeira e Camara Cascudo, de quem Mário solicita insistentemente uma foto de recordação, como se vê em carta enviada ao folclorista em fevereiro de 1926: "E seu retrato, homem!" (1991:53) Essa prática é uma constante na vida do escritor. Não por acaso, fotos dos escritores Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Jorge de Lima, da cantora Germana Bittencourt, do compositor Heitor Villa Lobos, da pianista Magdalena Tagliaferro, entre outros, foram encontradas entre seus pertences. Todas com dedicatória.

Mário oferece, com frequência, sua contrapartida ao presentear os amigos com fotos suas, como se observa em carta de fevereiro de 1944 a Fernando Sabino, quando manda ao então jovem escritor uma lembrança: "Estou cumprindo a promessa das fotos. Lhe dediquei a que prefiro" (1981:53). Preocupado com sua imagem, Mário procura sempre enviar aos amigos a foto que mais lhe agrada. Reflexo de sua vaidade, afinal, para um simples almoço ou lanche frugal no restaurante Palhaço ou no Carlino, não dispensa a gravata, tampouco os sapatos feitos sob medida na Sapataria Guarani.

Nas fotos enviadas a amigos ele procura também escolher aquela que melhor reflete o momento que está vivendo. Através de uma fotografia

Acervo: IEB-USP



Atendendo ao pedido do amigo Mário, Manuel Bandeira remete foto com dedicatória: imagens de escritores, artistas plásticos e músicos constam do acervo pessoal do modernista

aparentemente simples, encontra elementos que permitem realizar uma síntese de sua vida e descobrir todo o sofrimento de que até então não havia se dado conta. Essa análise fica evidente em carta de fevereiro de 1944 a Newton de Freitas, quando remete um retrato pessoal e esboça um lamento de quem está a menos de um ano da morte:

Lhe mando o retrato que mais gosto, mas exijo troca. Gosto mais porque marca no meu rosto os caminhos do sofrimento, você repare, cara vincada, não de rugas ainda, mas de caminhos, de ruas, praças, como uma cidade. Às vezes, quando espio esse retrato, eu me perdôo e até me vem um vago assomo de chorar. De dó. Porque ele denuncia todo o sofrimento dum homem feliz. Porque de fato desde muito cedo eu atingi a transcendência da felicidade... As lutas, os insultos, os erros, as dificuldades, as derrotas (a cada derrota, eu dizia alegre: "Um a zero, vamos principiar outro jogo!") eram pra mim motivos de tanta, não alegria, mas dinâmica do ser e superação até física, que me esqueci que sofria. Até que me tiraram essa fotografia. E fiquei horrorizado de tudo o que sofri. Sem saber" (1984:69).

Envelope cultural - um passeio dirigido pelo país por meio das...

Acervo: IEB-USP



Mário de Andrade, a menos de um ano de sua morte, e o retrato de que mais gostava: imagem com dedicatória a Newton de Freitas revela, em 1946, o sofrimento de um homem feliz.

Como se pode observar, Mário de Andrade, fotografa e coleciona fotografias. Pretende enxergar nelas pedaços do Brasil e seu próprio rosto modernista. Um rosto que procura resgatar, e por que não, registrar cenas que caracterizam marcas de uma identidade nacional. Destina a elas um cuidado especial, como se soubesse que um dia pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento tomariam esse material para detalhados estudos e produção de trabalhos científicos. Pode estar aí um pouco do material que, como profetizou Antonio Candido, contribui na tentativa de uma “vista mais completa de sua obra e de seu espírito”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *A imagem de Mário*. Rio de Janeiro: Alumbamento, 1984.

- _____, Mário. *A lição do amigo* (Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade), Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- _____. *Cartas a Manuel Bandeira* (1922-34), Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.
- _____. *Cartas a um jovem escritor* (Cartas de Mário de Andrade a Fernando Sabino). Rio de Janeiro: Record, 1981.
- _____. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Camara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.
- _____. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes Neto* (1924-36). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. *Correspondente contumaz* (Cartas a Pedro Nava - 1925-1944). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Mário de Andrade - literatura comentada*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- _____. *Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- _____. *Mário de Andrade - táxi e crônicas no Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- _____. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- BERRIEL, Carlos Eduardo (org.). *Mário de Andrade/hoje*. São Paulo: Ensaio, 1990.
- CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade - exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- GOMES, Eustáquio. *Os rapazes d'a onda e outros rapazes*. Campinas: Editora da Unicamp/Pontes, 1992.
- MACHADO, Cassiano Elek. "Prezado Mário". São Paulo: *Folha de S. Paulo*, 2001.